

VOTO E EX-VOTO: AS VICISSITUDES DE SUAS REPRESENTAÇÕES NO SANTUÁRIO DO BOM JESUS DE MATOSINHOS EM CONGONHAS DO CAMPO/MINAS GERAIS.

BISCARDI, Afrânio (UFMG)¹. LUTTEMBARCK, Cecília (UFMG)².

O termo “ex-voto” nos remete à expressão latina “ex-voto suscepto”, ou seja, “em consequência de um voto”, sendo uma abreviatura dela³. A obra votiva é concebida em agradecimento pela graça recebida por intervenção de alguma divindade, faz um testemunho material de um milagre, exprime sua presença na vida cotidiana. É simbólica, pois as possibilidades de representação e comunicação com o sagrado se dão apenas por meio do abstrato, do que está ausente da realidade sensorial, no caso, do recurso imagético ou textual: “O símbolo é a representação visível de uma realidade invisível”⁴. O ex-voto conjuga sentimentos de medo, devoção e gratidão que permeiam a religiosidade popular⁵, caracterizando-se um veículo vivo de transmissão das práticas e crenças da comunidade. Constitui uma importante fonte para a história cultural, pois fornece aspectos da relação do

¹ Graduando do curso de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista PiBIC pelo CNPq do Projeto “Pompa e Semana Santa no Barroco Luso-Brasileiro”.

² Graduanda do curso de História da Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista pela Prograd – UFMG

³ CASTRO, Márcia de Moura. Promessas – Milagres – Ex-votos. In: Ex-votos. Coleção Marcia Moura Castro. Exposição Comemorativa do 52º Aniversário da Cemig. Belo Horizonte: Galeria de Arte, 2004. p. 4. Definição semelhante aparece no Dicionário Etimológico Online: La formula latina intiera è: EX VÒTO SUSCÈPTO che vale *da o per voto contratto*, cioè *per promessa fatta a Dio*: e oggitolta di mezo la voce *suscepto*, si usa per eprimere la Oferta, l’Oggetto posto a ricordo della grazia ottenuta, e cosi Quelle figure sospese al seguito di um voto nelle chiese. [http:// www.etimo.it/?term=exvoto](http://www.etimo.it/?term=exvoto).

⁴ BOFF, Leonardo. O pensar sacramental. In: Revista Bíblica Brasileira, n° 35. Petrópolis: 1975. p. 519.

⁵ “Segundo alguns autores, o popular é uma idiossincrasia, uma realidade cultural, mas enquanto conjunto global de uma série de expressões nascidas do e para o ser humano. Neste sentido, *pode-se falar de religião popular, como um instrumento religioso (religiosidade) prévio dos produtos das religiões históricas institucionais*. Deste modo, *a religião popular será uma expressão dos sentimentos humanos de admiração e temor e, será portanto uma parte integrante da cultura popular*” (grifos nossos). RODRIGUES, Fernando Matos. Ex-votos da Região de Arouca: um corpus mágico da religião Popular, ou uma terapêutica popular contra o mal. In: Revista Rurália. 1(1990). pp. 43-53. Arouca. p.44.

homem com o sagrado e do imaginário de uma época⁶. As representações pictóricas nos proporcionam detalhes do mobiliário, vestimentas, costumes, cor da pele e condição jurídica do ofertante. Normalmente exposto em lugares públicos, o ex-voto atesta a religiosidade particular e coletiva, pois trata do sofrimento e da piedade individual através de uma mensagem sincera, confessional, direta e particularizadora, e é ao mesmo tempo imbuído de um sentimento devocional coletivo. Exprime um certo contratualismo entre o humano e o divino, uma vez que o não cumprimento da promessa pode acarretar na reação negativa do protetor através da punição com um castigo, doença ou o não-atendimento de um pedido no futuro. Diante das limitações humanas e das adversidades da natureza o homem recorre ao apelo pela resolução de ordem sobrenatural para o problema natural ou material. Desta forma, este costume transfigura-se em um meio de abrandar o desequilíbrio, superar as barreiras intransponíveis da vida e dar uma guinada no destino tal como ele se apresenta.

O ritual de trocas simbólicas entre o humano e o sagrado é uma constante na trajetória da civilização humana. Vários templos egípcios e mesopotâmicos continham esculturas de partes do corpo humano. Inúmeras placas votivas da Grécia antiga feitas em mármore foram encontradas no santuário de Epidaurus, chamado “Lourdes da Antiguidade”, expressando o agradecimento ao deus Asclépio pelo milagre alcançado, além de mãos, pés e outros membros esculpidos⁷. Na *Odisséia* e na *Ilíada* de Homero são narradas práticas desta natureza por parte dos aqueus, os quais não poderiam deixar de fazer suas libações e ritos de sacrifício animal que tanto agradavam aos deuses antropomórficos. Caso contrário, seus projetos poderiam não vingar, pois as divindades poderiam causar males diversos ao funcionamento da sociedade, fustigá-los com as mais diversas adversidades naturais e insuflar má sorte aos empreendimentos de pilhagem, viagens e batalhas⁸. Entre os romanos

⁶ Sobre o valor documental dos ex-votos, são “fragmentos preciosos de um mundo ao qual as outras fontes nem sempre dão acesso” (complementos meus). SOUZA, Laura de Mello e. Norma e conflito: aspectos da história de Minas no século XVIII. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. p. 207-209.

⁷ CASTRO, Márcia de Moura. Promessas – Milagres – Ex-votos. In: Ex-votos. Coleção Marcia Moura Castro. Exposição Comemorativa do 52º Aniversário da Cemig. Belo Horizonte: Galeria de Arte, 2004. p. 4.

⁸ Para maiores informações, ver: FINLEY, M. I. O Mundo de Ulisses. Lisboa: 1982; e VIDAL-NAQUET, Pierre. Formas de pensamiento y formas de sociedad en el mundo greigo. El cazador negro. Barcelona: Península, 1983.

os ex-votos eram bastante difundidos, marcados quase sempre pela inscrição *Votum fecit gratiam accepit*⁹ (indicando que o voto foi feito e a graça foi recebida), também encontrada na região mediterrânea e difundida em várias regiões européias, persistindo fidedignamente em muitos ex-votos italianos do século XVI ao XIX. Os cristãos adotaram essa maneira de exprimir a devoção e a gratidão aos santos, a Cristo e à Virgem, muito embora tenha havido muitas vicissitudes em torno das formas de se pagar a promessa, como quando os bárbaros convertidos doavam ao Vaticano muitas peças em ouro e pedras preciosas, ou quando as peregrinações aos lugares santos estavam muito em voga no final da Idade Média¹⁰, sendo que nesta época um dos agradecimentos de voto mais praticados foi a construção de igrejas e templos.

A partir do século XVII o ex-voto se populariza em maior amplitude pela Europa. Os mais antigos exemplares brasileiros datam da segunda metade deste século¹¹. Tiveram grande difusão em Minas Gerais, sobretudo devido à Sala dos Milagres no Santuário do Bom Jesus de Matosinhos na cidade de Congonhas do Campo. Segundo Edgard de Cerqueira Falcão¹², a edificação do santuário foi iniciada por ocasião do voto feito pelo minerador português Feliciano Mendes após ser curado de uma grave doença. Este começou por fixar uma cruz nos extremos do Arraial de Congonhas, e em 21 de junho de 1757 recebeu autorização do bispado de Mariana para a construção da ermida e igreja, iniciando já em 1758 a elevação do templo. Apesar da morte de Feliciano, ocorrida em 1765, conseguiu-se completar as obras de pintura, escultura e o douramento, após a sucessão administrativa de quatro eremitas. Hoje o santuário conta com uma extraordinária coleção de ex-votos, o que confirma que desde sua origem a Basílica se transformou em centro de

⁹ FROTA, Lélia Coelho. Promessa e milagre nas representações coletivas de ritual católico, com ênfase sobre as tábuas pintadas de Congonhas do Campo, Minas Gerais. In: Promessa e Milagre no Santuário de Bom Jesus do Matosinhos de Congonhas do Campo – Minas Gerais. Brasília: próMemória, 1981. p.17.

¹⁰ CASTRO, Márcia de Moura. Promessas – Milagres – Ex-votos. In: Ex-votos. Coleção Marcia Moura Castro. Exposição Comemorativa do 52º Aniversário da Cemig. Belo Horizonte: Galeria de Arte, 2004. p. 5.

¹¹ SMITH, Robert. Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos e outros santuários portugueses. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1966.. p. 5.

¹² FALCÃO, Edgard de Cerqueira. Relíquias da terra do Ouro. Edição comemorativa do octogésimo aniversário natalício de Dom Helvécio Gomes de Oliveira, 1958.

peregrinação, depositária de sucessivas consagrações de milagres, e permanece assim até a contemporaneidade.

Os ex-votos brasileiros receberam uma influência européia generalizada, e não apenas portuguesa. Segundo Márcia de Moura Castro, a herança portuguesa confere “aspecto de arte popular, a disposição dos elementos em quadro, o mesmo processo de pintura e têmpera sobre madeira”¹³ ao acervo brasileiro. Em Minas Gerais, há de se ressaltar a proeminência das pinturas sobre outras formas de obras votivas até o século XIX, quando começam a serem difundidas as esculturas de barro, cera e madeira e, mais especificamente no século XX, as fotografias (a partir da década de 30), objetos pessoais diversos e placas de mármore. As pinturas votivas mineiras dividem-se entre composições mais populares (*naïves*) e faturas eruditas¹⁴. Nas expressões formais eruditas distingue-se maior realismo, dinamismo, gesticulação¹⁵ e perspectiva, conquanto nas populares nota-se a predominância do caráter simbólico, místico e hierárquico, e cores primárias.

Os ex-votos depositados na Sala de Milagres aparecem como uma resultante de cinco momentos que o devoto passou, esquematizados a seguir: Primeiro há a manifestação da doença ou fatalidade que o leva a fazer o voto; depois a intercessão da divindade em seu favor; o que repercute na encomenda ou execução da obra votiva, que por sua vez é levada ao templo em alguma romaria pelo miraculado que, após depositá-la por lá, concretiza o cumprimento da promessa.

A sociedade mineira do século XVIII era bastante crédula em relação a milagres, curas mágicas, adepta a romarias e diversas formas de religiosidade popular divergentes da ortodoxia romana. Exemplo disso é uma lagoa milagrosa nos arredores de Sabará, em que as pessoas – em especial as mulheres desconsoladas pela falta de acesso aos recursos

¹³ CASTRO, Márcia de Moura. Ex-votos mineiros: as tábuas votivas no ciclo do ouro. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, c1994. pp.11-12.

¹⁴ CAMPOS, Adalgisa Arantes. Introdução ao Barroco Mineiro. Belo Horizonte: Crisálida, 2006. p. 61.

¹⁵ FROTA, Lélia Coelho. Promessa e milagre nas representações coletivas de ritual católico, com ênfase sobre as tábuas pintadas de Congonhas do Campo, Minas Gerais. In: Promessa e milagre no Santuário de Bom Jesus do Matosinhos de Congonhas do Campo – Minas Gerais. Brasília: próMemória, 1981. p.25

medicinais limitados¹⁶ - se banhavam com a esperança de curar suas mais diversas enfermidades, muitas vezes com chagas e feridas abertas em contato com a água. As tábuas votivas setecentistas faziam, freqüentemente, assustadoras descrições minuciosas do estado físico lastimoso da pessoa, conforme se pode verificar ex-voto de Jozê Mendez Valle: “(...)q. estando mto mal, dehuã perna aq. foi preciso Seabrir e tiraecelhe vários ocos epegandoce com odº Snr. Ficou bom ep.memória mandou pintar este no anno de 1771”. A vítima, em companhia de duas pessoas que a seguram, exprime um momento patético: com os braços alçados, em posição de agonia e desespero, visto que sua perna esquerda se encontrava coberta por sangue, suplicava a intervenção do Senhor de Matosinhos para aliviar-lhe a sofreguidão. Os ex-votos nos remetem à busca pela regeneração corpórea, pois representam o sofrimento físico e a intercessão divina no espaço profano em favor da preservação da vida – o que contrastava claramente com a proposta da Igreja de salvação da alma, que se daria no pós-morte, de acordo com o modelo de redenção escatológica.

Havia grande intimidade¹⁷ com os santos, tidos como poderosos intercessores particulares entre a providência divina e a vida mundana, capazes de resolver as mazelas que acometessem o bom devoto. Os santos de invocação popular – e não os romanizados - eram os protetores sobrenaturais a quem as obras votivas eram destinadas no Brasil até o século XIX. Dada a vinculação da Igreja ao Estado por vias do direito ao padroado, esta se distanciou das diretrizes fixadas pela ortodoxia romana. O que cedeu espaço para a conformação de alguns membros do clero despreparados e complacentes com as formas populares de manifestações religiosas, que teriam expansão cada vez mais ampla tanto nas camadas populares como nas mais abastadas. As devoções populares mais invocadas eram Nossa Senhora das Dores, Sant’Ana, Senhor Bom Jesus da Agonia, São Francisco de Paula, Santa Efigênia, Nossa Senhora dos Remédios, São Gonçalo, São Benedito, entre outras. No entanto, em Congonhas do Campo as invocações mais comuns eram o próprio

¹⁶ PRIORE, Mary Del. Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1993. p.280-281.

¹⁷ SOUZA, Laura de Mello e. O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 115.

Senhor Bom Jesus do Matosinhos e a Nossa Senhora de Nazaré. Encontramos, em casos isolados, invocações como a Nossa Senhora do Alívio, Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora da Saúde, Nossa Senhora do Carmo, entre outras.

D. Pedro II foi aliado ao esforço reformador do episcopado ultramontano na segunda metade do século XIX, que ansiava por uma reforma religiosa que visasse a reformulação das práticas religiosas dos devotos, aproximando-as do modelo tridentino. Ou seja, a hierarquia religiosa seria reafirmada, a autonomia dos leigos seria limitada através da submissão dos mesmos ao clero. De forma que não teriam mais o aval para conduzir os cultos e escolher as devoções, que deveriam ser substituídas pelas romanizadas, tais como o Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora de Lourdes (bastante encontrada nos ex-votos de São João Del Rei na época), Nossa Senhora do Perpétuo Socorro¹⁸, entre outras. Como Congonhas do Campo era o berço da tradição, as devoções populares tiveram plena continuidade.

É importante ressaltar que a romanização do catolicismo brasileiro não acabou com as práticas religiosas populares. Elas incorporaram significações novas, utilizando-as de maneira bastante autêntica. No entanto, as benzeduras, romarias, a intimidade com os santos e o culto às almas persistiram¹⁹. Os ex-votos sobreviveram a esta guinada no catolicismo, muito embora a Igreja passasse a sugerir outras formas de materialização da gratidão pelo milagre, como a doação de objetos a serem usados nos cultos e na ornamentação dos templos, como flores, velas, etc. As esculturas de cera da Sala dos Milagres de Congonhas do Campo podem até mesmo ter sido transformadas em velas, uma vez que as anteriores ao século XX não são encontradas por lá. Houve uma migração das obras votivas do interior das igrejas e capelas para a sacristia ou espaços específicos como

¹⁸ MARIN, Jéri Roberto. Ex-votos: no limiar do sagrado e do profano. Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação “Latu-Senu” a Nível de Especialização em Cultura e Arte Barroca do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto: 1994.

¹⁹ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. Religião e dominação de classe. Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petropolis: Vozes, 1985. p.291.

as salas dos milagres, além de terem sido submetidas a uma “filragem” que eliminaria as indecorosas.

As funções da imagem no ex-voto são de exprimir devoção e visões de mundo, de promover a comunicação entre o crente e o divino, inserindo o momento hierático vivido no tempo sagrado, tornando perene o instante da vicissitude e da graça recebida. Almeja-se a retribuição extremada à mercê, com o reconhecimento e celebração perpétua do milagre. Assim, justifica-se o detalhismo da cena, a atenção às minúcias descritivas para que se pudesse remeter ao momento da manifestação sagrada. É de grande importância a inscrição da data abaixo da representação, referente ao dia da intervenção sobrenatural, pois se denuncia a preocupação do devoto em fixar na memória coletiva as circunstâncias do milagre.

Ao verificar os ex-votos setecentistas e oitocentistas do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas, nota-se, freqüentemente, as similitudes das imagens no que se refere à composição do espaço pictórico. No terço inferior da imagem encontra-se uma legenda onde se identifica o nome do ofertante, as circunstâncias e data do milagre – muitas estão ilegíveis ou apagadas, devido à má conservação ou aos familiares que as apagaram²⁰. No terço médio, a figura do indivíduo deitado em uma cama em posição pré-mortuária, o que acentuava ainda mais a intervenção ressuscitadora da graça. E no terço superior havia a representação da divindade responsável pelo evento miraculoso. A invariabilidade da distribuição desses elementos revela noções como norte e sul, fausto e nefasto, antes e depois, morte e vida, e onde o rito passava a cumprir-se no espaço e no tempo respaldado por essas regras. A existência de um determinado padrão de representação leva a considerar a questão da circulação de modelos no período colonial. Os códigos dessas imagens tornavam-se coletivos, visto que o vocabulário instrumentava

²⁰ Poucas pessoas dominavam a escrita na época. Portanto, havia muitos erros de grafia e formas de linguagem locais nas legendas. Pode-se imaginar que os descendentes possam ter ficado constrangidos com o que foi escrito, seja pela falta de traquejo com a escrita do ofertante ou pelo que há de confessional e particularizador na mensagem. Sobre a ação dos descendentes, ver: CASTRO, Márcia Moura. Ex-votos mineiros: as tábuas votivas no ciclo do ouro. p.18.

figuras e palavras no ritual sagrado. Por conseguinte, a identidade do divino e do humano encontra-se facilmente aferível.

Vislumbra-se, comumente, a descrição do momento perturbador na legenda e/ou na figuração. A expressão “Mercê se fez” no início da inscrição deixa explícito que com a eficiente ajuda do santo o milagre se cumpriu. Nos ex-votos setecentistas, essa idéia do sagrado atuar na vida do enfermo fica demasiada. Era habitual a existência de um *locus* destinado à figura mística, em que esta aparece na parte superior da composição, correspondendo o nível celestial. Apesar da clareza do vocabulário visual, a mensagem se concretiza na legenda, onde se apresenta o nome do miraculado e a data da ocorrência do evento sagrado. Como explica Lélia Coelho Frota: “E é justamente a nomeação da pessoa, definitivamente contida na linguagem escrita, associada ao particular instante do milagre, que muito contribui para a configuração perfeita e perpetuadora do acontecimento sobrenatural no tempo eterno”²¹.

Todavia, as imagens ao longo do tempo recebem novos códigos, símbolos, alegorias, visões de mundo. Ganham novas significações e apropriações, modificando-se de acordo com as exigências do período. Os ex-votos são grandes exemplos disso. A partir do início do século XIX experimentam-se alterações sensíveis nessas representações. As imagens votivas tornam-se menos estáticas e absortas, passando, gradualmente, a sublinhar ênfase na ação e na individualização dos elementos fisionômicos. Em contrapartida, há uma diminuição brusca dos principais elementos constitutivos dos ex-votos setecentistas como o miraculado deitado em seu leito em posição pré-mortuária, coberto por um cortinado azul ou carmesim; a existência de um *locus*, na parte superior da obra, destinado à divindade; ou, como em muitos casos, o desaparecimento completo do santo na composição votiva. O ex-voto (em óleo e têmpera sobre madeira do século XIX) já explicita essa grande mudança: um senhor, sentado em uma cadeira, recebia a graça oferecida por Nossa Senhora, que segurava um objeto por onde emanavam raios de cura. A santa,

²¹ Ver: FROTA, Lélia Coelho. Promessa e Milagre: no Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas do Campo, Minas Gerais. Brasília: próMemória, 1981. pág. 45.

apenas encimando uma pequena nuvem, que parece quase tocar o chão, divide o mesmo plano pictórico com o enfermo, não existindo uma separação tão evidente do espaço divino com o espaço terreno. Por sua vez, no ex-voto de Ambosinha Augusta da Silveira (1889), que “em perigo de morte, pessoa de sua amizade implorando ao Senhor Bom Jezus, esta obtêve complêta saúde”, o intercessor não aparece no terço superior da composição anteriormente usado para o epifania celestial, mas simplificada em uma peça escultórica pregada na parede.

Na imagem votiva, datado de 1822, de Luis de França de Jesus, pode-se contemplar aspectos que enfatizam a ação. A obra também elimina a cama e a posição pré-mortuária, fazendo-se representar o carpinteiro no exato momento patético do acidente, em que “*escapulio omachado, q. lhe tirou hua naca de osso na Canella do pé esquerdo, egolpe feissimo*”. Apesar da presença da imagem do Senhor de Matosinho, identificado como o doador da mercê, a proeminência tanto na legenda quanto na representação é dada à ação, à ocasião do desastre, e não mais ao momento hierático de recebimento da graça. A preocupação é fixar as circunstâncias do evento, incorporando a atuação do sujeito no processo do milagre. Essa idéia adentra por todo o século XIX e XX, como demonstra o ex-voto de 1922, de David Ramalho, em que se ilustra o evento do acidente de trabalho, entretanto, acrescentando-se, ao lado direito, o retrato do operário. Trata-se de uma representação realista de David, que vestindo um terno, aparece sentado sobre uma cadeira, em representação carente de divindade. Outro exemplo seria de um ex-voto de 1900, em que aparece uma criança vestida à marinheira de nome Godofredo. Nota-se o intuito de apreender o retrato realista da vítima, transpondo cuidadosamente características e feições próprias que a identificassem. O único elemento que remete à interferência divina é a presença de um imenso prego - em referência ao cravo, um dos objetos do martírio de Cristo - em que se apóia o garoto, como se fosse uma bengala.

Há durante o oitocentos um distanciamento dos ex-votos produzidos nos séculos anteriores. Na verdade, as imagens setecentistas não procuravam reproduzir fisionomicamente o ofertante: isto fazia rostinhos pequeninos e indiferenciados de figuras

anônimas emergir em meio aos lençóis azuis e carmesins. A ênfase era dada ao momento hierático, em que o indivíduo aparecia com o objetivo de separar o acontecimento de noções como coletivo, ou seja, de relatar que o milagre alcançado fora dado a uma pessoa. Apenas o nome do miraculado já bastava como forma de identificação. Justifica-se então a preocupação em colocá-lo em um ambiente privado, no caso, seu leito de agonia. Entretanto, já no início do século XIX, manifestam-se alterações no gosto religioso. Há um predomínio de composições que englobam elementos mais profanos, que exprimem tanto a incorporação do sujeito no processo sagrado quanto o desejo por uma representação fidedigna do devoto. Essa idéia encontraria seu ápice com o advento da fotografia.

O ex-voto de 1922 apresenta, além de um desenho feito em aquarela sobre papel, que ilustra o menino João Ferreira de Mendonça, o retrato da própria criança. Acreditava-se que a fotografia proporcionava uma representação precisa e fiel da realidade, retirando da imagem a hipoteca da subjetividade. Assim, conseguir-se-ia cristalizar o milagre através da representação exata da pessoa que o recebeu. São vários os exemplos como este. A fotografia, vista como um instrumento rápido e preciso, capaz de apreender nitidamente o real, teve o uso expandido na prática de ex-votos, dando cada vez mais a este um aspecto realista e documental.

Apesar das modificações perceptivas e técnicas dos ex-votos ao longo do tempo, um traço distintivo da atitude votiva persistiu e persiste nos homens, que é o desejo de se comunicarem com o sagrado para pedir uma ajuda que supere as limitações naturais que impossibilitam a sua saúde e o desenvolvimento das suas atividades e, efetivada a intervenção sobrenatural, de retribuírem em forma de agradecimento material e devocional o milagre alcançado.